

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE MUNDO NOVO
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CAMILA PIVA

**DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS
PRODUTORES ORGÂNICOS DO ASSENTAMENTO PEDRO
RAMALHO, MUNDO NOVO-MS, USANDO COMO
PARÂMETRO A AGROECOLOGIA.**

Mundo Novo - MS

Setembro/2013

CAMILA PIVA

**DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS
PRODUTORES ORGÂNICOS DO ASSENTAMENTO PEDRO
RAMALHO, MUNDO NOVO-MS, USANDO COMO
PARÂMETRO A AGROECOLOGIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dra: Elaine Antoniassi Luiz Kashiwaqui
Co-orientadora Msc: Kátia Maria Garicoix Recalde

Mundo Novo – MS
Setembro/2013

CAMILA PIVA

**DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA
DOS PRODUTORES ORGÂNICOS DO ASSENTAMENTO
PEDRO RAMALHO, MUNDO NOVO-MS, USANDO
COMO PARÂMETRO A AGROECOLOGIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

APROVADO EM 16 de SETEMBRO de 2013.

Prof. Dr^a. Elaine A. L. Kashiwaqui – Orientadora – UEMS _____

Prof. Marcos Massuo Kashiwaqui – UEMS _____

Prof. MSc. Wagner Lopes Klein – UEMS _____

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante a sua realização transmitindo fé, amor, alegria, determinação, paciência e coragem. Aos meus pais, Rosimeire e Charles, meu irmão Charles Júnior, ao meu namorado Paulo Henrique e a minha 'mainha', minha vó Fátima. Sem vocês eu nada seria!

AGRADECIMENTOS

Agradeço esta conclusão de trabalho de curso primeiramente a Deus, por me conceder forças e dedicação, sou eternamente grata a Ele a cada momento em que achei que não fosse capaz de realizá-lo.

A minha família que me acompanhou no decorrer do curso, dando todo o apoio necessário, a minha Tia Angelita, minha prima Fernanda e Andressa, meu primo Elvis, meus pais, minha mainha, meu irmão.

Dedico a todos eles que sempre tiveram uma palavra acolhedora, e um ombro amigo para me acompanhar nesta caminhada.

Dedico também ao meu namorado Paulo Henrique Menegas, que esteve ao meu lado, me dando a força e incentivo para que eu me dedicasse e o amor e o carinho que precisei.

Aos amigos e colegas de classe que passaram pelos mesmos obstáculos e dificuldades durante a graduação para que realização do objetivo de se formar pudesse ser tornar realidade.

Aos meus professores, em especial aos meus orientadores que me auxiliaram e colaboraram para a conclusão deste trabalho a querida Dr.^a. Elaine Antoniassi Luiz Kashiwaqui e ao seu marido Marcos Kashiwaqui, ambos me ajudaram tendo a paciência necessária.

E a minha co-orientadora Kátia Maria Garicoix Recalde, que me acompanhou a cada entrevista, juntamente com a AGRAER que me cedeu dados.

A todos com muito carinho, o meu MUITO OBRIGADA.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin.

RESUMO

O presente trabalho retrata sobre a qualidade de vida dos produtores orgânicos do Assentamento Pedro Ramalho, Mundo Novo - MS, a capacidade produtiva e de renda, considerando a produção com adubos verdes em estado de transição Agroecológica, e situação socioeconômica das 15 famílias de assentados que desenvolvem suas atividades através da reforma agrária e da agricultura orgânica. Os resultados obtidos foram feitos através de dados primários com a de pesquisa qualitativa resultante de diagnóstico aplicado por questionários estruturados, análise e tabulação por análise estatística. A realidade encontrada traz muitas reflexões sobre as famílias rurais de antigamente e seu modo de vida com as encontradas no assentamento, alguns itens investigados no questionário mostram bem mais que suas simples respostas e foram capazes de ir além delas, analisando também a condição social, econômica, ambiental e cultural dos entrevistados. Os dados revelaram que as famílias estão em fase de conversão, a qualidade de vida ainda não é satisfatória, porém não se retrata um cenário de precariedade, média anual da renda bruta baixa, mão - de - obra que carece de equipamentos mais atualizados para melhorar a produção.

Palavras-chave. Adubos Verdes. Transição Agroecológica. Agricultura Orgânica. Reforma Agrária. Assentamento.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Objetivos	10
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivos específicos	11
3. Material e Métodos	11
4. Resultados	12
5. Discussão	15
5.1 Relação do número de pessoas por famílias entrevistadas	15
5.2 Grau de escolaridade	16
5.3 Chefes de família	17
5.4 Idade média dos membros das famílias	18
5.5 Qualidade de vida das famílias entrevistadas	18
5.6 Assentados pela reforma agrária e sucessores	20
5.7 Quantidade média de culturas produzidas por família	21
5.8 Uso de adubos verdes e insumos utilizados por família	22
6. Conclusão	23
Referências	23
Anexos	27

1. INTRODUÇÃO

A produção agropecuária passou por grandes avanços na segunda metade do século XX proporcionada pela “Revolução verde”, no entanto, os prejuízos ao ambiente e ao próprio homem passaram a ser verificados (NEVES et al.2000).

No Brasil, vários impactos negativos foram verificados em decorrência da revolução verde, uma vez que as técnicas desenvolvidas foram criadas para resolver as necessidades particulares de países de clima temperado e, sua introdução em países de clima tropical, tem causado vários problemas (PRIMAVESI, 2003). Por esses motivos, alguns produtores tiveram a consciência que um meio de produção orgânica vem a ser uma necessidade criando associações de produtores que desenvolvem práticas sustentáveis.

Segundo Altieri (1989), uma sociedade se desenvolve quando envolve diversas áreas correlacionadas da sociedade. Dessa forma, mudanças sociais, econômicas e políticas devem ocorrer em conjunto com as biológicas e técnicas, possibilitando assim, o desenvolvimento de uma sociedade sustentável.

Esta prática de uma agricultura que envolve fatores que abrangem o objetivo de tornar uma sociedade sustentável toma proporções não somente locais, embora que, muitas vezes desconhecida a área de abrangência é mundial e só vem a crescer, é o que afirma Gudynas (2003), a área agrícola mundial com a produção orgânica no ano de 2002 era de 22.811.267 de hectares. Em apenas sete anos, esta área registrou acréscimo de 62%. O sistema de produção pela Agricultura Orgânica no Brasil começou quando já havia em outras partes do mundo mudanças em relação aos meios de produção, e esse processo de reformulação aconteceu de forma lenta.

É o que o trabalho de Darolt (2000) constata que diversos fatores colaboraram para o desenvolvimento de agricultura orgânica no país, ligados a economia, movimentos filosóficos de várias ideias diferentes a agricultura convencional, foram introduzidas entre os anos de 1073 a 1995 de forma lenta.

Dados divulgados pela Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica (IFOAM 2010) mostram que a América Latina conta com uma área de 8,1 milhões de hectares de produção orgânica, ocupando uma área de 1,8 milhões de hectares o Brasil posiciona-se como a quarta maior área orgânica do mundo. Se comprado, com a divulgação dos dados levantados pelo Censo Agropecuário 2006, a área agrícola orgânica brasileira é vem a ser mais do que o dobro da área apresentada pelo IFOAM, considerando as áreas certificadas e não certificadas. Esses dados juntamente com as áreas identificadas pelo Censo

Agropecuário 2006 faz com que o Brasil ocupe o segundo lugar dentre os países que possuem maiores áreas para culturas orgânicas do planeta com 4,9 milhões de hectares, e em primeiro lugar a Austrália (IPD, 2010 *apud* WHITACKER, 2012).

Vários são os movimentos da agricultura orgânica em todo o mundo, mas foi a IFOAM que estabeleceu comitês oficiais e grupos com fins muito específicos, para o desenvolvimento de padrões para a facilitação de Agricultura Orgânica em países em desenvolvimento. Unindo o mundo orgânico, a IFOAM fornece plataformas para as partes interessadas para uma ampla gama de propósitos, objetivando a adoção mundial do ponto de vista ecológico, social e econômico, adotando sistemas que são baseados nos princípios da Agricultura Orgânica visando à credibilidade e a certificação dos agricultores que adotam essa linha de produção.

No Mato Grosso do Sul em termos de área orgânica, conta com 376.248 hectares, e o estado está inserido dentre os principais em que a agricultura orgânica se faz presente no Brasil: Minas Gerais, Bahia, Ceará, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Santa Catarina e Piauí (IBGE, Censo Agropecuário, 2006).

A realidade deste meio de produção é evidente na agricultura familiar, principalmente dos assentados com base no autor Mazzeto (2001) que diz que um desenvolvimento de forma sustentável deve ser tratado em várias escalas considerando desde a área toda a ser distribuída até nos lotes que será entregue a cada família, isso traz segurança, viabilidade econômica e conservação ambiental para os assentados considerando esses três fatores pelo autor como um tripé tratando assim de cada caso .

Os assentamentos rurais têm contribuído de forma positiva para uma revolução socioeconômica das regiões que os recebem. Isso está ficando cada vez mais divulgado nas pesquisas e nos estudos que alguns autores da área tem feito, como: HEREDIA et al., (2002); ROMEIRO et al., (1994); MEDEIROS E LEITE (2004); LEITE et al. (2004).

O Assentamento Pedro Ramalho, localizado no município de Mundo Novo – MS possui uma Associação de Produtores Orgânicos que visam à sustentabilidade do sistema de produção e uma melhor qualidade de vida.

Sendo esses, inicialmente incentivados e motivados por palestras, cursos de capacitação e reuniões, juntamente com a AGRAER (Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul), Prefeitura Municipal de Mundo Novo e Itaipu - Binacional entre outros órgãos, e assim resolveram optar por desenvolver agricultura orgânica

baseados nos benefícios que os produtos orgânicos trazem para o consumidor e para o ambiente de acordo com o Plano de Desenvolvimento dentro do Assentamento (PDA, 2004).

O Assentamento inserido em uma área total de 1.888,77 ha, constituído por 83 famílias assentadas, composto por antigos moradores da região e de trabalhadores rurais sem terra do próprio município e imediações, dessas famílias, 15 produtores praticam agricultura orgânica (PDA, 2004). Em fase de conversão, período em que estes seguem um plano de manejo visando à adequação técnica e outros aspectos pertinentes à legislação para os sistemas orgânicos de produção.

Segundo Primavesi (1997), “[...] a agricultura ecológica, antes de tudo, tenta restabelecer o ambiente e o solo. Não tem enfoque sintomático, mas causal. Evita problemas em lugar de combatê-los. Previne causas e não combate os sintomas. Trabalha com ciclos e sistemas naturais, que administra. Parte do fato de que um solo sadio fornece culturas sadias. Em princípio, planta o que a região facilmente produz. Mas quando são obrigadas a plantar culturas não adaptadas, tem que adaptar a alimentação [...]”.

Neste contexto, nada deve ser considerado de forma isolada se tratando da pobreza do campo, já que a reforma agrária tem participação no combate à pobreza, vários são os itens que fazem com que a carência no campo esteja presente que vai desde o saneamento básico a área da educação e informação, pois estes são quesitos fundamentais e garante o bem estar das pessoas assentadas (WANDERLEY, 2011).

A busca por qualidade em produtos agroindustriais mostra um crescimento constante desde a última década, fruto de mudanças nas preferências dos consumidores, motivadas principalmente por preocupações com a saúde pessoal e da família (ASSIS et al., 1995; CUPERSCHMID, 1999).

A prática da agricultura orgânica tem por objetivo utilizar procedimentos que garantam que o alimento que irá ser produzido terá qualidade e seja saudável, para isso os cuidados com a planta, solo e considerando as condições climáticas fará com que este alimento atenda essas características do consumidor (PENTEADO, 2000). E é por isso que os consumidores estão cada vez mais buscando consumir estes produtos.

O estudo foi realizado junto a quinze famílias que praticam agricultura mais saudável, através de um diagnóstico participativo estruturado composto por perguntas que retratam a condição social, econômica, ambiental e cultural dos entrevistados.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Diagnosticar a atual situação socioeconômica e caracterizar a qualidade de vida das famílias de assentado do Assentamento Pedro Ramalho que praticam agricultura orgânica, em fase de transição através do questionário estruturado in loco.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levantar as práticas culturais desenvolvidas e a relação com o meio ambiente que as famílias de agricultores orgânicos demonstram na prática de suas atividades agropecuárias, levando-se em consideração o entorno que vivem, retratando as dificuldades, condição social, econômica, ambiental e cultural dos entrevistados. O questionário foi aplicado em pelo menos um integrante da família que pratica a agricultura orgânica.

3. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em quinze lotes de familiares do Assentamento Pedro Ramalho, em que estas famílias estão em fase de transição usando parâmetros agroecológicos para o sistema orgânico de produção.

Foram aplicados questionários estruturados in loco em pelo menos um membro de cada família, além da aplicação do questionário outros itens foram avaliados nos lotes: Avaliação de Registros (relatos) anteriores do grupo ou comunidade alvo do projeto (Plano de Desenvolvimento do Assentamento – PDA) e Análise de participação em eventos.

Nas visitas aos lotes foram coletados dados sobre o tipo de habitação das famílias, a produção agrícola, o uso do lote para diferentes atividades agropecuárias, destinação do lixo, saneamento básico, sobre as áreas de APP e Reserva Legal nos lotes, bens de consumo e equipamentos usados no lote para trabalho.

Além desses itens foi analisado também o número de membros por família, idade média dos membros, grau de escolaridade, os chefes das famílias, renda média anual, e sobre a utilização de adubos verdes, insumo naturais, caldas e adubos orgânicos.

Os dados sociais relacionados à qualidade de vida foram colocados em um diagrama, sendo eles: tipo de habitação, saneamento básico, destinação do lixo, bens de consumo, equipamentos e legislação ambiental.

Cada indicador no diagrama tem uma escala de pontuação de 0 (zero) a 10, sendo: a) 0: a ausência de acesso a este item; b) 5: acesso em nível intermediário; e, c) 10: quando está totalmente atendido pelo seu respectivo item, adaptando-se ao modelo de avaliação do Projeto Redes de Referência (IAPAR 2011).

Os itens avaliados foram levantados por média anual com relação à produção, tendo todos esses subsídios, todos os resultados foram colocados em uma planilha do Excel 2010, calculando-se o total e a média de cada família de acordo com as questões respondidas através do questionário aplicado.

4. RESULTADOS

Por meio da Figura 1, verificou-se que fazem parte do grupo das 15 famílias avaliadas, 55 pessoas, cada família sendo formada em média por 3,6 membros.

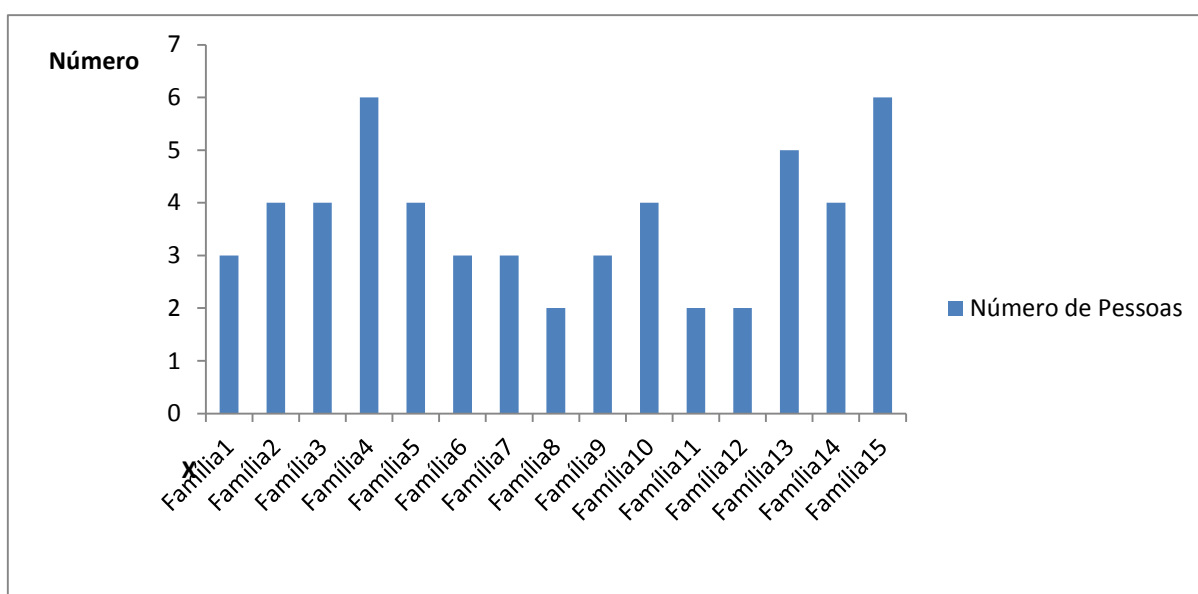


Figura 1 – Relação do número de membros por família entrevistada.

Sobre o grau de escolaridade dos membros das famílias foi encontrado pelo menos um em cada família que tem o Ensino Fundamental Incompleto, um com Ensino Médio Incompleto e em apenas uma família há um integrante com Ensino Superior, todas as famílias que contem filhos, os mesmos estão em idade escolar e todos frequentam a escola, e por sexo as mulheres são as que mais estudaram nas famílias, uma delas é a que possui Graduação.

Com relação à posição de liderança no ambiente familiar, 8 famílias são chefiadas por homens, e 2 famílias sendo chefiadas por mulheres, e em 6 famílias o chefe divide a responsabilidade do lotes com a mulher.

Das 15 famílias, 8 são produtores que são considerados sucessores, ou seja aqueles que compraram o lote dos assentados originais, e em apenas 7 dos lotes o produtor é assentado pela da Reforma Agrária, sendo 53% sucessores e 47% originais.

Nos lotes entrevistados foi relatada a utilização de adubos verdes, os citados foram: capim, crotalária, feijão-de-porco, palhada, mucuna e aveia, e adubos orgânicos: esterco de gado e cama de frango. E como ainda não deixaram totalmente o sistema convencional foi relatado o uso de insumos químicos, admitindo o uso de veneno. Porém, também se faz o uso de insumos orgânicos como: calda de nin, supermagro, uréia, calcário e produtos homeopáticos.

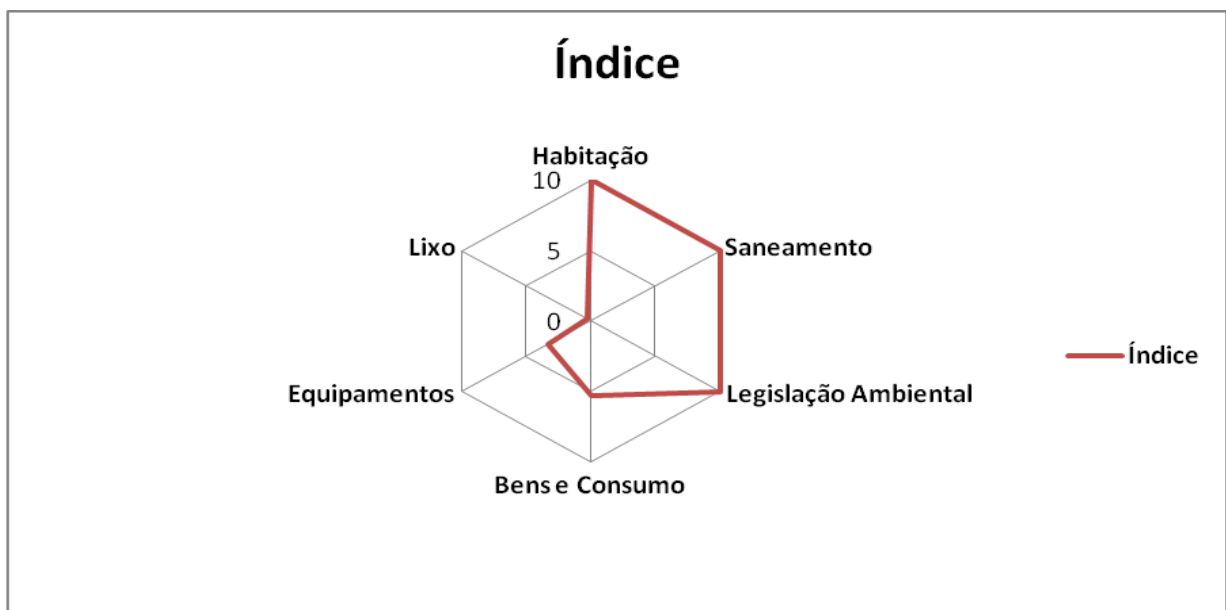


Figura 2 – Indicadores de sustentabilidade das famílias entrevistadas, valores médios, notas de 0 a 10.

Na Figura 2 é apresentado o diagrama da média geral dos indicadores de sustentabilidade das famílias do Assentamento Pedro Ramalho. A habitação, saneamento e legislação ambiental atingiram os valores máximos, as habitações em todos os lotes são de alvenaria.

A Legislação Ambiental é referente à Reserva Legal (RL) existente, que no assentamento é de forma conjunta, portanto todos possuem reserva legal, 6 dos lotes possuem

Área de Preservação Permanente (APP), o restante não possui, pois não contém nascente, ou córrego no lote.

O lixo é recolhido pelo caminhão em apenas 3 lotes, o restante das famílias todos queimam a céu aberto o lixo produzido nos lotes, não sendo nenhum tipo de lixo separado por isso nota-se uma média de 0,3 no diagrama.

Os equipamentos utilizados pelas famílias são de tração animal ou manual, ficando com média de 3,3. Os Bens de Consumo por família avaliada tendo uma nota de 5,3.

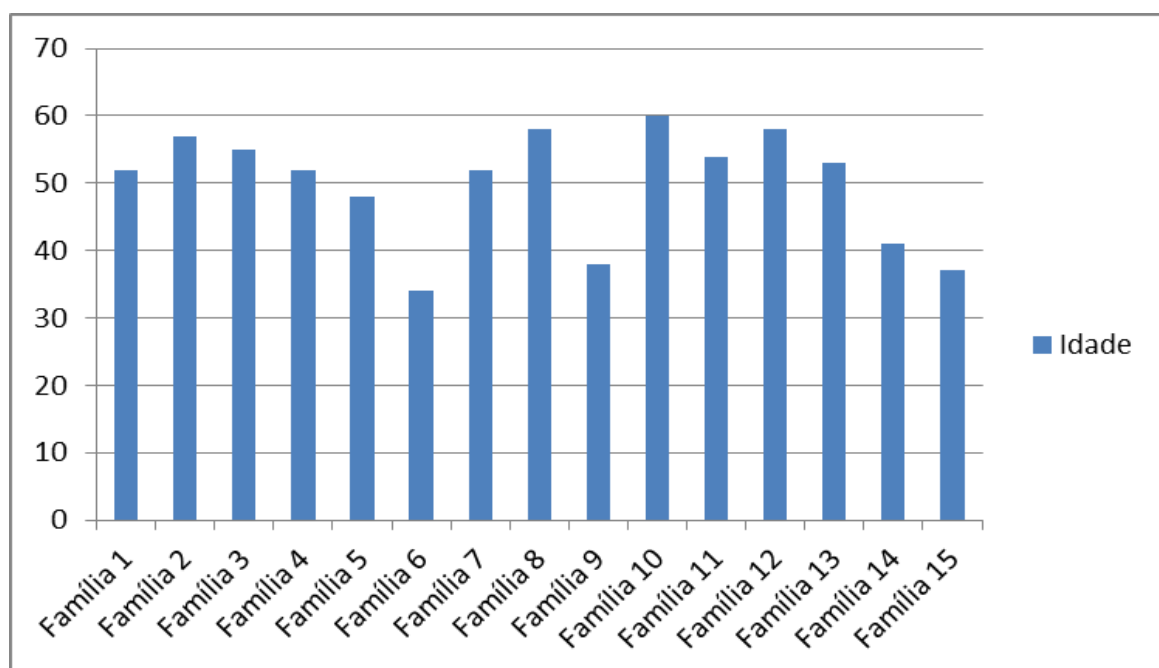


Figura 3 – Média de idade dos membros das famílias.

Verifica-se através da Figura 3, a relação das idades dos líderes das famílias avaliadas, de forma geral são famílias com constituintes com idades relativamente baixas, a idade média dos produtores entrevistados é de 49,93 aproximando-se dos 50 anos.

As famílias 6, 9, 14 e 15 apresentam uma média de idade menor ainda ficando por volta de 30 a 40 anos.

Tabela 1 – Tabela de renda média anual das famílias de acordo com as culturas produzidas.

FAMÍLIA	LEITE	OUTRAS Receita (R\$)	MANDIOCA	MANDIOCA (ha)	TOTAL FAMÍLIA
Família 1	3.024,00	1.230,00	3.080,00	12	7.334,00
Família 2	-	2.000,00	2.000,00	4	4.000,00

Família 3	-	2.000,00	1.000,00	1	3.000,00
Família 4	840,00	1.500,00	1.000,00	1	3.340,00
Família 5	0,00	711,00	1.440,00	2	2.151,00
Família 6	2.065,00	1.000,00	2.916,67	2,5	5.981,67
Família 7	-	576,00	3.470,00	5	4.046,00
Família 8	-	500,00	3.234,00	4	3.734,00
Família 9	546,00	200,00	2.566,62	10	3.312,62
Família 10	-	1.224,70	3.080,00	7	4.304,70
Família 11	1.000,00	1.000,00	1.500,00	4	3.500,00
Família 12	-	957,00	2.749,99	2,5	3.706,99
Família 13	4.914,00	500,00	-	-	5.414,00
Família 14	1.176,00	488,00	3.388,00	11	5.052,00
Família 15	1.680,00	655,00	2.333,33	4	4.668,33
TOTAL ATIVIDADE	15.245,00	14.541,70	33.758,61	70	63.545,31

Na tabela acima são relatadas as rendas médias anuais de cada família de suas respectivas produções, sendo elas mandioca, leite e outras culturas (milho, hortaliças, fruticultura, fabricação de tempero, ovos, queijos, salames). Como seguem na tabela todas as famílias produzem no que se encaixa em „Outras Culturas”, as famílias 2, 3, 7, 8, 10 e 12 não produzem leite tendo como produção a mandioca e outras culturas, e somente a família 13 não produz mandioca.

A área destinada ao cultivo de mandioca (70 ha), demonstrada na Tabela 1, é a mais representativa, sendo a atividade de maior renda. A produção de leite é a segunda atividade de maior importância econômica, “Outras culturas”, embora individualmente não apresentem grande importância, são bastante representativas quando somadas, se aproximando em receitas à atividade leiteira. Através da soma das receitas anuais de cada família, foi obtida a renda média anual por família e posteriormente a renda média mensal por família, que foi de R\$ 393,00.

5. DISCUSSÃO

5.1 RELAÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIAS ENTREVISTADAS.

Na Figura 1 se tem a relação de membros por família, originadas das respostas por parte deste grupo de 15 famílias, totalizando 55 pessoas. Em média cada família possui 3,6 integrantes, realidade totalmente diferente encontrada nas grandes famílias rurais hoje, onde o planejamento familiar e a importância do trabalho dos filhos para a composição do rendimento da família rural era de suma importância. Em número de pessoas por domicílios

também encolheram. Enquanto no século XIX e início do século XX as famílias apresentavam-se extensas, com um número elevado de membros, como, por exemplo, no ano de 1920 em que o número médio de pessoas por domicílio correspondia a 7,73 pessoas, os dados da segunda metade do século XX mostram decréscimo como apresentaram os Censos demográfico. 1960-2000 (IBGE).

A realidade encontrada no assentamento, resume-se em sua maioria em famílias formadas por marido e mulher e no máximo dois filhos, as famílias 4 e 15, são famílias que contém mais de 4 pessoas, porém são famílias onde os filhos não compõe mais a mão de obra dentro do lote, sendo eles empregados em práticas não agrícolas, acabam buscando emprego na cidade e/ou outra forma de adquirir dinheiro, como o objetivo de complementar a renda da família restando na maioria das vezes o trabalho agrícola para marido e mulher apenas. Segundo Schneider (2005) e Anjos (2003), está sendo uma forma dos agricultores e suas famílias terem as condições almejadas sem necessitarem, exclusivamente, de continuarem nas atividades agrícolas.

Essa característica dos membros da família buscarem outro tipo de atividade financeira a não ser a agrícola é chamada de pluriatividade, para Schneider (2005) a pluriatividade diz respeito a um fenômeno que se caracteriza pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família.

A pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com o contexto social e econômico em que estas estão inseridas. A pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura (SCHNEIDER 2005).

5.2 GRAU DE ESCOLARIDADE

Outro item relatado no questionário foi o grau de escolaridade dos integrantes das famílias, no Ensino Fundamental existe pelo menos dentro das 15 famílias em média um por família que se enquadra neste grau de escolaridade. No Ensino médio encontramos pelo menos 1 pessoa, ou seja, 7% do total entre as 15 família e no Ensino Superior também 7% do total. O índice do baixo grau de escolaridade ficou evidente nas famílias destes produtores, no geral possuem o primeiro grau incompleto. Índices parecidos são encontrados no estudo de Oltramari et al. (2002) em pesquisa realizada em Santa Catarina constataram que o nível médio de escolaridade dos agricultores pesquisado é o primeiro grau incompleto (68,16%).

Em relação ao sexo pode-se observar através das respostas relatadas que são as mulheres que mais se sobressaem no grau de escolaridade, conforme foi encontrado nas respostas dos questionários que há uma integrante dos entrevistados que possui Ensino Superior.

Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Castro et al. (2004), que constatou que o nível mais baixo de instrução foram nos homens, com dados de escolaridade foi de 72,0% das mães, e dos pais sendo 85,4%, menor ou igual a quatro anos do ensino formal.

A maioria dos entrevistados relataram dificuldades como distância e trabalho como barreiras que os impediram de concluir os estudos. Esse fato não os fez impedir que atualmente seus filhos estudassem, não foi encontrado nenhum integrante da família na idade escolar que não frequente a escola por motivo de distância ou porque tem que ajudar no trabalho do lote. De modo que foram encontrados filhos de donos de lotes que já estão cursando o ensino superior, logo o grau de escolaridade dos filhos será maior que os dos pais.

5.3 CHEFES DE FAMÍLIA.

As famílias em geral são chefiadas por algum membro, membro este que tem função de ser responsável pelo sustento dos integrantes total ou parcialmente, tendo como função também o trabalho manual do lote como: plantar, colher, tirar leite, tratar dos animais.

As tarefas em geral são desempenhadas por alguém das famílias sendo apenas pelos homens, outras pelas mulheres e ainda foram relatados que ambos os sexos chefiam as famílias, ou seja, há famílias atualmente que são chefiadas pelos homens que a mulher se encarrega apenas pelo serviço doméstico e é encarregada de cuidar dos filhos como era feito antigamente. Bem como foi encontrado famílias, em que a mulher é chefe no meio deste contraste dentro de um assentamento há famílias que conseguiram acompanhar as mudanças que foram ocorrendo com o desenvolvimento das famílias de acordo com as necessidades encontrando famílias que ambos, marido e mulher comandam as atividades a serem realizadas cabendo a eles dividirem as tarefas, trabalhar em conjunto e crescendo acreditando na força de trabalho conjunta.

Na maioria das vezes é a mulher que fica responsável por todos os tipos de produção, garantido a sociabilidade no meio rural, atuando no meio familiar e sociedade. (KARAM, 2004). São os índices que nos revelam contraste dentro de um assentamento e uma modernidade dentro das famílias assentadas quando se trata da força de trabalho sendo

dividida ou sendo somente responsabilidade da mulher, e talvez seja por motivos de cultura, do modo como foi à criação destes integrantes que a mão de obra fica somente por parte dos homens.

5.4 IDADE MÉDIA DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS

Com média de idade dos gestores das famílias de 49,93 entre as famílias entrevistadas, foram encontradas famílias com formações desde muito cedo segundo relatos dos avaliados, com integrantes novos que decidiram formar uma família seguindo uma cultura, tradições familiares que também tiveram uma formação familiar muito cedo se comparando a atualidade.

A média relatada é semelhante com a encontrada pelo IBGE, segundo base no Censo Demográfico 2010 do IBGE, em Mundo Novo/MS, a faixa etária predominante da população residente na área rural é de 40 a 59 anos.

E nos casos das famílias 6, 9, 14 e 15 na Figura 3, ficaram com uma média menor que a média municipal, 30 a 40 anos de idade são produtores com uma força de trabalho que se associa a uma grande produção, ou seja, maior disposição dos produtores que ainda tem força de trabalho braçal.

Essa média de idade aproxima-se a de outros estudos já realizados, de acordo com Vásquez, *et al.* (2008) produtores orgânicos do município de Cajazeiras/PB apresentam em média 53,4 anos de idade. A problemática surge quando refletimos que a mão de obra já muito cansada, ou seja, mais velha é que não se sabe até quando ela irá produzir e estará em condições de usar a força no campo, vindo a produzir menos conforme vai atingindo uma idade mais avançada, com surgimento de doenças provenientes através da faixa etária.

5.5 QUALIDADE DE VIDA DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS

Na Tabela 1 onde é apresentado o diagrama da média geral dos indicadores de sustentabilidade das famílias as Habitações em todos os lotes são de alvenaria, no geral são de boa qualidade, segundo a AGRAER as casas são provenientes de recursos empregados pelo Governo Federal através do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Superintendência do Mato Grosso do Sul, sem ônus aos beneficiários, ou seja, não é financiada e sim, um dos benefícios iniciais para os Assentados.

No item saneamento, a água que abastece os lotes onde foram realizadas as entrevistas é de dois poços artesianos, que foram cedidos pela AGRAER e ITAIPU, e não foram relatadas reclamações em relação à deficiência da qualidade da água. Porém o assentamento é abastecido no total somente por quatro poços sendo os outros dois cedidos pela Prefeitura e INCRA. Dados de outro trabalho relatam que é comum a água ser de poços artesianos, Castro (2004), é comum entre os assentados o uso da água vinda de minas e de poços, apesar de 79% dos domicílios terem abastecimento com água tratada (sem rede de esgoto).

A Legislação Ambiental é respeitada nos lotes no caso da Área de Preservação Permanente (APP) que também obtiveram nota máxima, as famílias que contém córrego ou nascente no lote tem APP.

Conforme a Lei nº 12.651/2012:

ÁREAS DE PRESERVAÇÃO (APPS) - Definições: Cursos d'água: faixa de nata com 30 m de largura para rios com até 10m de largura; com 50m para os rios entre 10m e 50 de largura; com 100m para rios entre 50m e 200m de largura; com 200m para os rios entre 200 e 600m de largura; e de 500m para rios com largura superior a 600m. Lagoas naturais: faixa de 100m de largura na zona rural e de 30m em zonas urbanas. Reservatórios artificiais: faixa com largura definida na licença ambiental. Nascentes e olho d'água perenes: faixa mínima de 50m. Encostas com declividade superior a 45° / - Terras com altitude superior 1.800m. Restingas, fixadoras de dunas e/ou estabilizadoras de mangues [...].

As APPs em áreas rurais consolidadas até 22/07/2008, estão submetidas a Lei 12.651/2012. No entanto, para as áreas de até 4 módulos fiscais, a APP pode ser explorada com autorização, quando em continuidade das atividades agrossilvipastoris, de ecoturismo e de turismo rural, devendo ser respeitados limites, conforme Artigo 61-A da Lei 12.727/2012, que modificou a Lei 12.651/2012.

O lixo é um item que obteve resultados preocupantes, com média de 0,3, isto fica ilustrado no diagrama com uma média muito baixa, decorrente de apenas três famílias destinarem o lixo ao caminhão, outro fator que não colabora para que mais famílias destinem ao caminhão é justamente pelo fato do caminhão não passar fazendo a coleta deste lixo. Os restantes das famílias queimam o lixo produzido no lote, outro ponto negativo é que as famílias não fazem a separação deste lixo que poderia ser usado como compostagem ou

reciclagem, por exemplo. Durante as visitas para a aplicação dos questionários nos lotes podia se observar os lotes com lixos espalhados a céu aberto.

Os Equipamentos utilizados pelas famílias são de tração animal ou manual, com uma média de 3,3 não apresentam equipamentos mecanizados ou modernos sendo eles: arado e roçadeira de tração animal, carroça, trator e algumas famílias possuem equipamentos de irrigação instalados e outros ainda a instalar, os equipamentos mais citados pelas famílias foram arado, carroça e roçadeira.

As rendas dos produtores os impedem de investir em equipamentos para a melhoria de produção, e que os ajude a ter lucros, por isso acaba recorrendo a outros meios. O último item retratado no diagrama é a relação de bens de consumo por família, obtendo média 5,3. São itens básicos, de suma importância para uma casa como: geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, televisão, rádio, telefone celular e veículo. Neste último item, usados para o serviço de entrega da produção, são bens que hoje são considerados mais acessíveis. Outros itens de bens também foram citados com menor frequência que os já descritos como: motocicleta, máquina de costura, antena parabólica, computador, impressora e internet.

5.6 ASSENTADOS PELA REFORMA AGRÁRIA E SUCESSORES

Considerado um item importante é a forma de como o assentado está ali hoje, temos duas situações que foram relatados nas respostas: os que realmente são assentados pela Reforma Agrária e os que são sucessores deste lote, ou seja, são terceiros. Possuem a DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf) somente aqueles que são originais, a DAP é utilizada como instrumento de identificação do agricultor familiar para acessar políticas públicas, como o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar).

Segundo dados do Portal Brasil (2013), da Secretaria da Agricultura Familiar, o acesso ao Pronaf inicia-se na discussão da família sobre a necessidade do crédito, seja ele para o custeio da safra ou atividade agroindustrial, seja para o investimento em máquinas, equipamentos ou infraestrutura de produção e serviços agropecuários ou não agropecuários. Esta realidade foi encontrada neste estudo. Assim, 8 das 15 famílias são considerados sucessores que obtiveram o lote que estão hoje através daqueles que possuíam posse legal do lote, e apenas 7 produtores sendo assentados da reforma agrária.

Uma dificuldade que o sucessor de lote enfrenta é não ter a DAP, que é fundamental para que o agricultor familiar obtenha acesso ao crédito rural. Através deste documento, as famílias assentadas pela reforma agrária encontra a oportunidade de melhorar suas condições

produtivas e de infraestrutura. Já o sucessor não tem acesso ao referido benefício, tendo que buscar outros meios de investir nas produções. Para isso, normalmente, se sujeitam as condições determinadas pelos fornecedores, com preços maiores, juros abusivos e inacessibilidade ao seguro agrícola, uma importante ferramenta para ratificar a sustentabilidade da atividade agropecuária.

O produtor do lote por sucessão não tem vantagens como: financiar projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do País.

5.7 QUANTIDADE MÉDIA DE CULTURAS PRODUZIDAS POR FAMÍLIA

As principais fontes de renda dos assentados participantes deste estudo Figura 3, conforme podemos notar na tabela sendo elas: leite e mandioca. Tendo como maior média anual de renda entre os itens citados a mandioca com R\$ 2.250,57, em segundo lugar o leite com R\$ 1.016,33 e outras culturas com R\$ 969,45, tendo cada família uma renda média mensal aproximadamente de R\$ 353,02.

A renda média mensal destes produtores fica dentro da margem do estudo realizado por Vasquez (2008) questionados a respeito da renda mensal da família, 67% responderam que a renda mensal fica na faixa de R\$ 380,00 a R\$ 500,00. A mandiocultura é a mais importante atividade verificada, com entrega feita diretamente nas fecculárias da região, viabilizando o escoamento com baixo custo. Este fato pode ter contribuído para determinar o nível de importância da atividade.

O Assentamento dispõe de um resfriador coletivo facilitando o armazenamento do leite e sua qualidade. A diversificação de culturas produzidas pelas famílias ainda é pequena se considerarmos a média, sendo 3 culturas por família entrevistada, porém algumas famílias produzem com maiores níveis de diversificação, seja para venda ou para subsistência. Foram encontradas cinco famílias (Família 3, 4, 5, 11 e 12) que ao mesmo tempo produz uma cultura anual, produzem também hortaliças, frutas, fabricação temperos, confecciona queijo, pão, salame e além de criar galinhas, porco e gado de leite.

Estas famílias relataram que tudo o que é produzido no lote é aproveitado para subsistência e no caso daquelas famílias que participam da feira do produtor da Associação de Produtores Orgânicos (ASPRON) comercializa os produtos na feira semanalmente e pelos

próprios produtores, todas as fontes de renda provenientes das produções são características de produções de assentamentos como Mandioca, Milho, Abacaxi, Hortaliças e Leite.

Segundo Penteado (2003) a venda direta aos consumidores evita os intermediários, possibilitando ao agricultor maior margem de lucro. O fato da maioria dos produtores comercializarem os produtos semanalmente gera uma demanda constante proporcionando aos mesmos avaliarem a quantidade dos produtos que devem ser comercializados (VÁSQUEZ, et al., 2008). É de boa aceitação no mercado os produtos ali produzidos, destinam suas culturas diretamente nos mercados, a produção sempre tem destino certo, nada se perde.

Há famílias interessadas em investir na diversificação de sua produção. Essas buscam através de órgãos que prestam assistência técnica, melhorar e dar um passo de cada vez, algumas famílias visualizam seu lote crescendo em termos de produção.

5.8 USO DE ADUBOS VERDES E INSUMOS UTILIZADOS POR FAMÍLIA

Nos 15 lotes entrevistados são utilizados adubos verdes e foi citado pelo menos o uso de dois adubos por família: Capim, Crotalaria, Feijão-de-porco, Palhada de Capim, Mucuna e Aveia, e Adubos Orgânicos Esterco de Gado e Camâra de Frango. Os produtores reconhecem a importância da adubação verde, recebem quinzenalmente ou mensalmente visitas técnicas de um agrônomo da ITAIPU (da BIOLABORE, através de convênio entre ITAIPU e Prefeitura de Mundo Novo), além de uma agrônoma da AGRAER, que os incentivam também na participação de cursos, reuniões e outros eventos que venham servir de aprimoramento e trocas de experiências que possam aplicar o que aprenderam no dia a dia, visando conhecer técnicas agroecológicas.

O sistema de produção orgânica exclui os insumos químicos sintéticos, através de práticas como de rotação de cultivos que promovam a reciclagem de resíduos orgânicos, introdução de adubos verdes, uso de rochas minerais, manejo e controle biológico. Procurando manter a fertilidade do solo para atender as exigências nutricionais das plantas. É um sistema preocupado em produzir uma alimentação saudável com características e sabor originais, procurando atender as expectativas do consumidor. Se esforçando para garantir a qualidade de vida, evitando danos à saúde do produtor e do consumidor orgânico e do meio ambiente (PENTEADO, 2000).

São usados insumos naturais, caldas e adubos orgânicos, em média pelo menos um por família e no total citaram que conhecem e/ou já fizeram uso pelo menos uma vez, tais como: calda de nin, supermagro, uréia, calcário e produtos homeopático. O uso de venenos foi

admitido, pois não foi deixado totalmente o sistema de produção convencional. Essa mudança do cultivo convencional para o cultivo orgânico tem ocorrido juntamente à agricultura moderna, fazendo com que o produtor não a abandone por definitivo (BEZERRA e VEIGA, 2000).

6. CONCLUSÃO

O sistema de produção orgânica no Assentamento Pedro Ramalho – MS está em fase de convergência, aos propósitos agroecológicos. Porém, alguns ainda não abandonaram o sistema convencional, pois o sistema agroecológico ainda não é viável economicamente para estas famílias.

A destinação do lixo e a não separação é um fator preocupante, pois não se faz nenhum tipo de reaproveitamento seja reciclando ou usando como adubação. Os produtores que já não fazem o uso de substâncias restritivas ao sistema agroecológico de produção e comercializam alguns produtos. Buscam a Certificação Orgânica, porém, a maior diversidade produzida ainda é destinada a subsistência.

A consequência de pouca diversidade se dá pelo desinteresse, comodismo de algumas famílias que não conhece a força de trabalho e produção familiar, e também pelo baixo investimento daqueles que não tem fácil acesso ao financiamento ou seja, aqueles que são sucessores.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M.A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA: FASE, 1989.

ANJOS, F.S. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

ASSIS, R.L.; AREZZO, D.C.; DE-POLLI, H. Consumo de produtos da agricultura orgânica no Estado do Rio de Janeiro. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 84-89, 1995. Brasília/DF, 2005.

BEZERRA, M.C.L.; VEIGA, J.E. **Agricultura Sustentável. Subsídios à elaboração da Agenda 21 brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; e Consorcio Museu Emilio Goeldi, 2000.

CASTRO, T.G.C.; CAMPOS, F.M., PRIORE, S.E. **Saúde e nutrição de crianças de 0 a 60 meses de um assentamento de reforma agrária**, Vale do Rio Doce, MG, Brasil. *Rev. Nutr.*, abr./jun. 2004, vol.17, no.2, p.167-176. ISSN 1415-5273.

CUPERSCHMID, N.R.M. **Atitudes em relação ao meio ambiente e sua influência no processo de compra de alimentos em Curitiba**. 1999. 171 p. Tese (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

CHAMBERS, R.; PACEY, A.; THRUPP, L.A. **Farmer first: farmer innovation and agricultural research**. London, UK: Intermediate Technology, 1989. 219 p.

DAROLT, M.R. **A Evolução da Agricultura Orgânica no Contexto Brasileiro**. 2000. Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/brasil.htm>>. Acesso em: 25/07/2012.

GUDYNAS, E; **Producción Orgánica em América Latina, Crecimiento Sostenido com Enfasis Exportador**. Montevideo - Uruguai: Claes, 2003.

FRANÇA, F. Código Florestal: Lei 12.727/2012, Vetos ao Projeto de Conversão da MP 571/2012 e o Decreto 7.830/2012. 2012.

HEREDIA, B. Análise dos Impactos Regionais da Reforma Agrária no Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 77-111, 2002.

IAPAR. **Redes de Referência Para Agricultura Familiar**. Disponível em <<http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=532>>. Consulta em 08 Nov. 2011.

IBGE, “Censo Demográfico 2000: características da população e dos domicílios. Resultados do Universo”. Rio de Janeiro: IBGE, 2001a.

IBGE, “Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do censo demográfico 2000”. Estudos e Pesquisa. Informação demográfica e socioeconômica, n.6. Rio de Janeiro: IBGE, 2001b. 63p.

IBGE. “Censo Demográfico 1991: famílias e domicílios. Resultados da amostra. Brasil, n.1”. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

IBGE. “Censo Demográfico 2000: famílias e domicílios. Resultados da amostra. Brasil”. Rio de Janeiro: IBGE, 2003a.

IBGE. **ESTATÍSTICAS ORGÂNICAS**. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/organicos/2011/03/09/pais-tem-90-mil-produtores-organicos-segundo-ibge/>>. Acesso em: 25/07/2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Agricultura Familiar, Primeiros Resultados, Brasil Grandes Regiões e Unidades da Federação**. Censo Agropecuário 2006. Rio de Janeiro, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2006.

INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO (IPD). MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (MCT). INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Perfil do mercado**

orgânico brasileiro como processo de inclusão social. IPD. Curitiba: 2010. Disponível em: <http://ipd.org.br/upload/tiny_mce/arquivos/Perfil_do_mercado_organico_brasileiro_com_o_processo_de_inclusao_social.pdf> Acesso em: 27/09/2012.

KARAM, K.F. A mulher na Agricultura Orgânica e em Novas Ruralidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril, 2004.

LEITE, S.P.; MEDEIROS, L.S. **Impacto dos Assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro.** Brasília: IICA: NEAD; São Paulo: Unesp, 2004.

MAZZETTO, C.E.S. **Análise Agroambiental de Imóveis para uma Reforma Agrária Sustentável.** Minas Gerais: INCRA (mimeo.). (s/d) Sustentabilidade ambiental e gestão do uso da terra: uma abordagem voltada aos assentamentos de reforma agrária, (2001). Disponível em: < www.dataterra.org.br > Acesso em 26/07/2012.

MEDEIROS, L.S.; LEITE, S.P. **Assentamentos Rurais: mudança social e dinâmica regional.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2004.

NEVES, M.C.P.; MEDEIROS, C.A.B.; ALMEIDA D.L.; DE POLLI, H.; RODRIGUES, H. R.; GUERRA J.G.M.; NUNES, M.U.C.; CARDOSO M.O.; AZEVEDO, M.S. F. R.; VIEIRA, R.C.M. T. & SAMINÊZ, T.C.O. **Agricultura orgânica: instrumento para a sustentabilidade dos sistemas de produção e valorização dos produtos agropecuários.** Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2000. 22 p. (Embrapa Agrobiologia. Documentos, 122).

OLTRAMARI, A.C.; ZOLDAN, P.; ALTMANN, R. **Agricultura orgânica em Santa Catarina.** Florianópolis: Instituto Cepa, 2002. 55p.

PENTEADO, S.R. **Introdução à Agricultura Orgânica.** Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

PENTEADO, S.R. **Introdução à Agricultura orgânica: Normas e técnicas de cultivo.** Campinas: Editora Grafimagem, 2000. 110 p.

PRIMAVESI, A.M. **Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura.** São Paulo: Nobel, 1997.

PRIMAVESI, A.M. **Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água.** Palestra no Sindicato Rural de Itai (SINDAI). Biológico, São Paulo, v.65, n.1/2, p.69-73, jan./dez., 2003.

PORTAL Brasil. Produtores atingidos pela seca contam com linhas emergenciais. Disponível e <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2013/07/linhas-emergenciais-de-credito-sao-liberadas-para-produtores-atingidos-pela-seca>> Acesso em: 21/06/2012.

RESENDE, U.R. **Pontos para aplicação do “novo” Código Florestal, Lei 12.651/12.** Iniciativa Verde. São Paulo. Mar. 2013.

RESEARCH INSTITUTE OF ORGANIC AGRICULTURE/**Internatinal Federation of Organic Agriculture Movements.** The World of Organic Agriculture, 2010.

ROMEIRO, A. **Reforma Agrária: produção, emprego e renda.** In: o relatório da FAO. SANTOS, G. C.; MONTEIRO, M. Sistema orgânico de produção de alimentos. Alim. Nutr., Araraquara, vol.15, n.1, p.73-86, 2004.

SCHNEIDER, S. **O papel da pluriatividade numa estratégia de desenvolvimento rural.** In: Seminário Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2005. *Textos para Discussão.*

SCHNEIDER, S. As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não agrícolas. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul - RS, v. 9, n. 3, p. 75-109, 2005.

VÁSQUEZ, F. V.; BARROS, J. D. S.; SILVA, M. F. P. Agricultura Orgânica: Caracterização do seu Consumidor em Cajazeiras – PB. **Revista Verde** (Mossoró – RN – Brasil) v. 1, n.3, p. 152-158, Janeiro/março, 2008.

WANDERLEY, M.N. **Alcances e limites das políticas de desenvolvimento rural**, 2011.

WHITACKER, G.M. Agricultura orgânica: estratégia capitalista para a (re)produção do espaço rural. **Revista Geografia em Atos**. Presidente Prudente-SP. n.12, v.1, p. 76-94. 2012.

ANEXOS